

# DO SENTIMENTO DA NATUREZA À SUA APROPRIAÇÃO CAPITALISTA: A SOCIEDADE E A NATUREZA NAS CONTRIBUIÇÕES DE ÉLISEÉ RECLUS

*From the feeling of nature to its capitalist appropriation: society and nature in the contribution of Élisée Reclus*

*De lo sentimiento de la naturaleza para su apropiación capitalista: la sociedad e la naturaleza en las contribuciones de Élisée Reclus*

Wendel Henrique<sup>1</sup>

## Resumo

A interpretação da Natureza se configura como um dos grandes desafios nos mais diversos ramos da ciência. Trata-se de uma palavra polissêmica e que promove debates desde sua conceituação até formas de apropriação ou preservação. Na Geografia, muitas vezes a natureza é compreendida como meio ambiente e a busca pela compreensão epistemológica é deixada de lado. Buscamos sempre resgatar a complexa compreensão dos significados que o conceito de natureza, indo além da compreensão de sua materialidade. Apresentamos nesse artigo algumas contribuições de Élisée Reclus, um importante geógrafo, mais conhecido por suas ideias anarquistas do que pelas ideias de natureza. Seus escritos, no último quartil do século XIX, apresentam contribuições de suma importância para a compreensão das relações entre o homem e a natureza, tanto em sua vertente simbólica quanto pela apropriação capitalista.

**Palavras-chave:** Élisée Reclus; Natureza; Sociedade; Geografia.

## Abstract

The interpretation of nature is key challenge in various branches science. This is a polysemic word and had been promoting debates from its conceptualization to the forms of appropriation and preservation. In Geography, nature is often understood as the environment and the search for its epistemological understanding is left out. We always try to rescue the complex understanding of the meanings in the concept of nature, going beyond the comprehension of its materiality. In this article, we present text with the contributions of Élisée Reclus, an important geographer, best known for his anarchist ideas than his ideas about the nature. His writings, in the last quartile of the nineteenth century, present contributions of great importance for understanding the relationship between man and nature, in its symbolic as well in its capitalist use.

**Keywords:** Eliseé Reclus; Nature; Society; Geography.

## Resumen

La interpretación de la naturaleza se configura como uno de los principales desafíos en diversas ramas de la ciencia. Esta es una palabra polisémica y promueve debates desde su conceptualización hasta las formas de apropiación y preservación. En Geografía, la naturaleza se entiende a menudo como el medio ambiente y la búsqueda de la comprensión epistemológica es inusual. Nosotros siempre tratamos de reanudar la compleja comprensión de los significados que el concepto de la naturaleza, que van más allá de la comprensión de su materialidad. Este artículo presenta algunos aportes de

<sup>1</sup> Geógrafo pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Pós-Doutor pela Universität Passau – ALE. Professor Adjunto IV da Universidade Federal da Bahia e Professor colaborador do Mestrado profissional em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Sócio-ambiental da UDESC. E-mail: wendel\_henrique@hotmail.com

Élisée Reclus, geógrafo importante, más conocido por sus ideas anarquistas que por las ideas de la naturaleza. Sus escritos, en el último cuartil del siglo XIX, presentan contribuciones actuales de suma importancia para la comprensión de la relación entre el hombre y la naturaleza, tanto en su aspecto simbólico como de la apropiación capitalista.

**Palabras-clave:** Eliseé Reclus; Naturaleza; Sociedad; Geografía.

## INTRODUÇÃO

O período atual, caracterizado por uma sociedade de consumo, coloca os objetos e as mercadorias como possibilidades de mediação entre o homem e a natureza. Objetos e mercadorias assumem as mais variadas formas que passam pelo creme dental com sabor natural; pelo papel higiênico natural (sem perfume) ou com perfume natural (de flores); pelo protetor de tela do computador com suas árvores de folhas vermelhas ou os peixinhos nadando; pelos lugares turísticos, onde se pode passear por praias desertas ou pelas trilhas ecológicas na mata e, pelos condomínios de alto padrão nas cidades.

Para Ítalo Calvino (1994) a natureza é cada vez mais falsificada e está comprometida com os interesses do capital. Confirmam-se as ideias de Marx de uma natureza capitalizada e mercantilizada, com seus consumidores e clientes, mercadoria percorrida, comprada e consumida, literal e metaforicamente, símbolo, imagem, ícone, poder. Observa-se um modelo de produção de mercadorias associadas a uma economia capitalista, criando um mundo de objetos preñes de intencionalidades e significações.

Todo um mundo de objetos passa a ser produzido seguindo os ditames de uma ideologia, mais ou menos perceptíveis aos olhos incautos, como o uso da ideia de natureza pelos empreendimentos imobiliários urbanos (HENRIQUE, 2009).

A reificação da natureza enquanto um objeto a se tornar mercadoria 'elitizada', necessitou de formas sofisticadas de conhecimento para que se pudesse manipular o mundo natural segundo os propósitos humanos e, até mesmo, para explorá-la no mercado de trocas e vender suas qualidades de acordo com um 'design', um desígnio, uma vontade humana.

O avanço técnico transforma a Natureza em algo cada vez mais social do que natural. A ação humana sobre a natureza permite ao homem produzir sua história. O processo histórico - social e não natural - controla, incorpora e produz naturezas, enquadrando-as nas qualidades humanas.

A modificação do mundo natural em território humano, legitimada pelas necessidades, requerimentos, desejos e esperanças dos homens, pode ser vista tanto como um projeto de emancipação coletiva, como pela realização do conforto na vida individual.

A natureza carrega consigo um peso simbólico e ao mesmo tempo contraditório e complexo, sendo entendida diferentemente por diversas formas de pensamentos e ideologias. A multiplicidade de interpretações da Natureza, enquanto ideia, conceito ou palavra, advém de uma constatação: toda a história social do homem, toda sua ação e produção de seu espaço, deu-se a partir de sua relação com a natureza.

Nesse sentido, buscamos resgatar as contribuições de Élisée Reclus para o entendimento da construção do conhecimento sobre a natureza e como a ideia de natureza apresenta-se plena de contradições e conflitos ao longo da história da produção do espaço e do pensamento geográfico, indo além da simplificação através da substituição da natureza pelo meio ambiente.

As relações entre os homens, suas sociedades e as naturezas na superfície da terra, produzindo o espaço geográfico, são mediadas pelas técnicas e pela cultura. Élisée Reclus (1874) escreveu que a terra é o território do homem onde ele pode até produzir naturezas. A produção do espaço geográfico como um conjunto de objetos e ações, é a consequência da substituição de um meio natural por um meio geográfico, introduzindo no espaço, anteriormente uma *physis*, novas formas e conteúdos. Assim, o homem aumentou seu conhecimento na mesma proporção que ele modificou a natureza e sua própria ideia sobre ela.

O ideário do homem, de acordo com seus desejos e sistema de valores, possibilita a construção de uma natureza, que irá se constituir para responder a um sentimento com valor estético. Adornar e melhorar a natureza são características da civilização e da cultura que separaram o homem culto e civilizado daquele bárbaro que apenas destrói a terra, que apenas desfigura a face da natureza sem cuidado estético. Esta condição estética da natureza humanizada pode ser observada, por exemplo, nos grandes jardins que tomaram lugar na Europa desde o Renascimento. Mesmo nos jardins onde a natureza já se encontrava enclausurada por formas geométricas regulares, ainda era possível sua melhoria, sua adequação ao gosto estético humano. Nos jardins do Imperador Yang-Ty, tem-se o hábito de repor no lugar das flores e folhas que caem das árvores, uma folhagem artificial e flores feitas de seda, posteriormente impregnadas com perfume tornando a ilusão mais completa<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Reclus (1886:492)

## O ENLACE ENTRE A TERRA, O HOMEM E A NATUREZA NA GEOGRAFIA

*'A terra fez o homem e o homem refaz a terra incessantemente.'*

Élisée Reclus

O século XIX será marcado no âmbito das ciências pela crescente demarcação dos campos de atuação das disciplinas acadêmicas, com uma acelerada especialização das mesmas. Na Geografia assistimos ao mesmo processo, com as contribuições dos geógrafos europeus à sua sistematização e consolidação, em um momento de grandes transformações no espaço geográfico (ou meio geográfico), com a rápida industrialização do mundo ocidental, processo este que implicava numa forte substituição dos meios (espaços) naturais pelos meios (espaços) humanizados. Entender e construir um sistema de ideias sobre a natureza, uma nova geografia da natureza, onde a explicação geográfica desta natureza, cada vez mais incorporada à vida social e usurpada pelos novos processos de produção capitalista, era o fundamento para o pensamento de Élisée Reclus.

As tentativas e lutas constantes entre o homem e a natureza, desde as épocas primitivas, para controle ou mesmo erradicação da carestia e dos azares e obstáculos naturais, nos levou a nos apropriarmos, segundo Reclus (1886), dos solos sobre os quais a própria natureza caminhava. O homem tem feito seu o solo da terra através da ciência, quando começou a adaptá-lo para seu uso e cultivo<sup>3</sup>.

A tomada de consciência da ação humana propiciou nossa emancipação e deu-nos liberdade, liberdade esta que, para Reclus (1886), está em nossas relações com a terra onde nós nascemos e habitamos e consiste em reconhecer suas leis, para permitir que vivamos de acordo com as mesmas. Entretanto, através de nossa inteligência e vontade pessoal nós não remanesecemos mais como meros produtos do planeta.

### O SENTIMENTO DA NATUREZA

É famosa a afirmação de Reclus, no prefácio de *L'homme et la Terre*, o homem é a natureza adquirindo consciência de si própria (*'homme est la nature prenant conscience d'elle même*).

Em 1874, no mesmo ano que George Marsh publica seu livro<sup>4</sup>, Reclus escreve o texto *'De l'action humaine sur la géographie physique. L'homme et la nature.'* (Da ação humana sobre

---

<sup>3</sup> "Man had made the soil of the earth his own by science he had commenced to adapt it to his use by cultivation." (Reclus, 1886:446)

<sup>4</sup> O livro de George Perkins Marsh intitulado *'Man and Nature'*, publicando em 1874, influenciou significativamente o entendimento da natureza pelo geógrafo francês.

a geografia física. O homem e a natureza). Neste texto Reclus (2002:34) afirma que o homem é a alma da terra<sup>5</sup>. O autor escreve ainda que à medida que as pessoas desenvolveram sua inteligência e sua liberdade elas passaram a reagir sobre a natureza exterior não sendo mais passivamente subjugados.

No texto, '*Géographie Générale*' (Geografia Geral), de 1872, Reclus coloca de maneira incisiva que estudar a superfície da terra é necessariamente realizar um estudo da humanidade<sup>6</sup>, uma ideia muito próxima daquelas trabalhadas por Marx. A concepção de Reclus '*Telle terre, tel peuple*' (Tal terra, tal povo), não representava uma visão determinista do ambiente, mesmo quando os homens primitivos se moldaram o seu modo de vida dentro de uma dependência absoluta da natureza – nas áreas costeiras os homens pescavam e nas áreas florestadas caçavam. Mas, deste então eles aprenderam a superar o condições e limitações que a natureza local colocava, e com estas mudanças no meio, decorrência da revolta do homem contra as duras necessidades, começa a geografia propriamente dita<sup>7</sup>.

Reclus considera a natureza como uma mãe beneficente que nutre e alimenta, sem o ideal romântico de harmonia, pois até as plantas e animais lutam por seu território. Assim, não seria diferente para homem, que segundo Reclus (1886), está incessantemente em conflito com o globo sobre o qual ele habita.(...) O homem, tem gradualmente emancipado a si mesmo, e tendo se esforçado para adaptar as forças da terra para o seu uso, ele tem feito dela sua própria. (...) Por um longo período nós éramos nada mais do que produtos inconscientes da natureza, mas nós temos nos tornado crescentemente agentes ativos sobre a história da natureza<sup>8</sup>.

A produção de ideias de natureza também será fortemente influenciada pelas obras de pintores e fotógrafos, que irão criar um padrão estético de representação da natureza, a partir de viagens ao redor do mundo ou de relatos de outros viajantes. De acordo com Reclus (2002) passamos a 'frequentar' mais e mais intimamente a natureza graças as obras de arte que reportavam as memoráveis viagens; todos os homens cultos podem agora compreender a fisionomia de diversas regiões do globo.

---

<sup>5</sup> "L'homme est l'âme de la terre."

<sup>6</sup> "L'étude de la surface du globe accompagne donc de la façon la plus intime l'étude de l'humanité". (Reclus, 2002:81)

<sup>7</sup> "Avec ces changements de milieu, qu'a pu se procurer l'homme deans ses révoltes contre la dure nécessité, commence la géographie proprement dite." (Reclus, 2002:82)

<sup>8</sup> "Man is incessantly engaged in a conflict with the globe on which he dwells; having submitted a child of nature during the ages of primitive barbarism, he has gradually emancipated himself, and which endeavoring to adapt to his uses the forces of the earth, he has, so to speak, made them his own. (...) For a long time we were nothing more than its [Nature] unconscious products, we have become increasingly active agents in its history." (Reclus, 1886:408)

Num texto de 1866, *‘Du Sentiment de la Nature dans les Sociétés Modernes’* (Do sentimento da natureza nas sociedades modernas), Reclus descreve o amor a uma natureza, ou a uma geografia física, escarpada, acidentada, alta que transmite fascinação ao invés de áreas planas que são de extrema monotonia. Uma natureza alta, onde a montanha oferece mais obstáculos ao homem e sua ‘dominação’ exige maiores esforços o que leva a um prazer mais sofisticado e intenso. Neste momento, se desenvolvem na Europa os clubes de viagens que visavam criar grupos para exploração de novos lugares e de lugares selvagens, como: os clubes alpinos com o intuito de conquistar as montanhas europeias; e os clubes de turismo, que passaram a publicar alguns relatos de viagens e instituir a ideia de viagens expedicionárias. Uma ideia muito interessante trabalhada por Reclus neste texto refere-se às glórias e triunfos que o homem alcançava cada vez que um novo pico de uma montanha era conquistado, era inserido nos mapeamentos e passavam a ostentar uma bandeira, um símbolo do poder de dominação humana.

Nos países da Europa Ocidental e EUA, onde as indústrias tem sido a maior força para modificar os tanto no conteúdo das ideias quando na aparência da natureza, os desejos dos homens tem cada vez mais se imposto sobre as repetições cíclicas e sem intenção da natureza. Entretanto para Reclus (1886), uma das maiores conquistas do homem sobre a natureza é a previsão do tempo e a meteorologia é uma das mais importantes ferramentas para libertar o homem. Com a previsão do tempo, até os furacões tem perdido seu poder sobre o homem. Mas há, entretanto, um triunfo ainda maior que aquele da previsão da sucessão dos fenômenos meteorológicos, e que é a vitória obtida pela modificação do clima<sup>9</sup>. A modificação dos climas seria uma forma de melhorar a saúde pública nas cidades, bem como poderia representar um incremento as atividades agrícolas.

O ideal do homem é o ideal que irá sempre prevalecer. Quando o ideal é nada mais que a mera reclamação de chão para cultivo, tudo será sacrificado para este ponto, a variedade e originalidade das espécies e toda a beleza da vegetação. Mas o desejo de obter culturas produtivas a partir da terra pode ser suplantado pelo desejo de adoração a terra e dando-lhe um grande esplendor através da adição de arte à natureza; (...) não resta dúvida que irá suceder-se uma mudança material do mundo vegetal de acordo com seus desejos, ocorrendo esta transformação, ao invés de sua primitiva originalidade, uma nova beleza irá se constituir para responder a um sentimento com sabor estético<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> “There is, however, a triumph still greater than that of foreseeing the succession of meteorological phenomena, and that is the victory obtained by the modifications of climates.” (Reclus, 1886:483)

<sup>10</sup> “The ideal of man is the ideal which will always prevail. As long as the ideal is nothing else but the mere reclamation of ground for cultivation, everything will be sacrificed to this point, the variety and originality of

Assim, a influência do homem sobre a natureza não é apenas associadas a melhoria da sua produtividade, mas também é composta com uma forte componente estética, e isto vem caminhando com a história das ideias e conceitos de natureza desde o período clássico.

Reclus também escreve sobre ação impaciente do homem sobre a natureza, tomando como exemplo as grandes sequoias americanas. A natureza necessita de centenas e de milhares anos para fornecer a seiva necessária às plantas enormes, como a sequoia, e a humanidade muito impaciente de desfrutar, muito indiferente as futuras gerações, não revela sentimento pela sua durabilidade, na qual ela conserva preciosamente a beleza da terra<sup>11</sup>.

Adornar e melhorar a natureza é a função da civilização e da cultura e separaram o homem culto e civilizado daquele bárbaro que apenas destrói a terra, o qual apenas desfigura a face da natureza sem acrescentar beleza. Desta ideia de Reclus, conclui-se que a beleza da natureza é diretamente proporcional ao grau de civilização de um povo que permite apreciar-la e ao mesmo tempo configurar e adornar sua apresentação estética.

A forte componente estética da natureza é acrescida de um valor também variável e outros 'gostos' vão sendo definidos ou impostos. Reclus (1886) cita as casas construídas no lago Genebra, que primeiramente davam as costas para o lago, permitindo uma vista das montanhas e das rochas, que representam o padrão vigente de beleza natural naquele primeiro momento, mas que posteriormente passam a serem construídas com suas fachadas voltadas para o lago, pois os corpos d'água é que se tornam o padrão estético de beleza natural.

Élisée Reclus também nos coloca uma questão instigante, na qual o homem só processa a beleza da natureza quando a mesma encontra-se filtrada, civilizada, enquadrada. Segundo Reclus (1886), a natureza muito selvagem é incompreensível para o homem, ele prefere trechos da natureza que já foram digeridos pela vida social possibilitando assim que sua imaginação envolva todo este trecho humanizado mais facilmente. Símbolos da natureza, como uma charmosa avenida salpicada de árvores ou um lago rodeado por estátuas como um santuário, são mais valorizados pelo homem do que a natureza mantida em seu estado bruto.

---

species, and all beauty of vegetation. But when the desire of obtaining productive crops from the earth is supplemented by that of adoring it and of giving to it all the splendor which art adds to nature; (...) no doubt it will succeed in materially modifying the vegetable world according to its desire, and in giving it, instead of its primitive originality, a new beauty which will respond to a sentiment of aesthetic taste." (Reclus, 1886:487)

<sup>11</sup> "la nature a besoin de centaines et de milliers d'années pour fournir la sève nécessaire à ces plantes énormes [séquoias], et l'humanité trop impatiente de jouir, trop indifférente au sort des générations futures, n'pas encore assez le sentiment de sa durée pour qu'elle songe à conserver précieusement la beauté de la terre." (Reclus, 2002:39)

Isto se á porque o desejo universal do homem é adaptar a terra para seus requerimentos e para tornar completa sua possessão para derivar, a partir disto, seus imensos tesouros. Ele cobre a terra com uma rede de estradas, ferrovias e cabos telegráficos; ele fertiliza seus desertos e se faz o mestre de seus rios<sup>12</sup>.

### **A INCORPORAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE NOVAS TERRAS**

A ação humana imprimiu na superfície do planeta uma diversidade de aspectos muito maior que as forças inconscientes da natureza. Além de sua superioridade na ação, o homem pode melhorar seu domínio, seu território, ajudando obstinadamente a terra no seu lugar a se embelezar. O homem digno de sua missão assume uma parte da responsabilidade na harmonia e na beleza da natureza como o seu entorno<sup>13</sup>.

Decorrente destas transformações, os homens poderiam ser considerados como verdadeiros agentes geológicos, uma vez que transformam diversas maneiras a superfície dos continentes, mudam a economia das águas correntes e também modificam os climas.

Historicamente, de acordo com Reclus (1985:41), “durante a infância das sociedades, isolados ou agrupados em tribos frágeis, os homens tinham de lutar contra obstáculos tão numerosos, que não podiam sonhar em se apropriar da superfície da Terra como seu domínio; aí viviam, escondidos e temerosos, como os animais selvagens das florestas; sua vida era uma luta ininterrupta sob constante ameaça da fome ou do massacre, não podiam dedicar-se à exploração da região e ainda desconheciam as leis que lhes teriam permitido utilizar as forças da natureza. Mas a força do homem se mede pelo seu poder de acomodação ao meio.”

Neste meio primitivo, que segundo Reclus (1985:57), sendo “constituído pelas coisas circundantes, é apenas uma tênue parte do conjunto das influências às quais o homem está sujeito”. Este meio primitivo, enquanto algo estático, não se coloca enquanto entidade física como obstáculo ao homem, mas sim o que enriquecerá a humanidade e possibilitará sua emancipação, é a atividade intelectual que se deu sobre esta natureza, atribuindo uma dinâmica em dada pela sociedade. É o papel do homem transformar a natureza em geografia, pois a humanidade não apenas habita a superfície da terra, ela vive-a em todas suas possibilidades e ela floresce sobre ela e a consome em todos os sentidos.

---

<sup>12</sup> “The universal wish of man is to adapt the earth to his requirements, and to take complete possession of it in order to derive from it its immense treasure. He covers it with a network of roads, railways, and telegraphic wires; he fertilizes its deserts and makes himself master of its rivers.” (Reclus, 1886: 494)

<sup>13</sup> “L’homme digne de sa mission assume par cela même une part de responsabilité dans l’harmonie et la beauté de la nature environnante”. (Reclus, 2002:35)

Já na Idade Média, segundo Reclus (1886), quando a terra era cultivada pelos escravos, seu cotidiano amargo era repassado para uma relação amarga com a natureza; eles não tinham prazer em observar as belezas da natureza, uma vez que suas próprias vidas eram um verdadeiro martírio. Eram muito estanhas as ideias sobre a terra e suas belezas que têm entretido aqueles monges da Idade Média, os quais, em seus mapas do mundo, desenhavam, ao lado dos nomes de cada distante país, estranhos animais vomitando fogo, homens com patas de cavalo ou rabos de peixes, grifos com cabeças de carneiro ou bois, dragões alados e corpos sem cabeça com selvagens olhos colocados no meio de seus peitos. Esta ideia levou a uma interpretação errônea da ideia de natureza, uma vez que nas bordas da natureza, o desconhecido, apenas produziam medo e todo homem procurava paz e alegria.

Após o século XVI, os maiores exemplos da ação do homem sobre a natureza, de sua vontade perseverante, são as obras de drenagem que garantem a fertilidade da terra; transferências de elementos da flora e da fauna; a irrigação que permite a criação de novos oásis, e outras obras como o dique de Cherbourg (França) e os polders na Holanda. Estas obras úteis, que constituem em verdadeiras revoluções geográficas e que mudam o aspecto da terra.

Na *‘Leçon D’ouverture du cours de Géographie Comparée dans l’espace et dans le temps’* (Lição de abertura do curso de Geografia Comparada no espaço e no tempo), de 1894, Reclus explicita ainda mais uma ideia materialista, a terra fez o homem e o homem refaz a terra incessantemente<sup>14</sup>.

A incorporação e até a construção de novas terras era algo que permeava todo o sistema de ideias do século XIX, percebidos já nos séculos anteriores, tendo como principal exemplo de análise a Holanda. Mas a interpretação que Reclus nos dá sobre esta conquista do homem é extremamente interessante.

Reclus (2002) escreve a terra da Holanda mostra os magníficos trabalhos do homem, os quais dão vantagem a ele sobre a natureza. A história agrícola dos Países Baixos é escrita num combate sem trégua entre o homem e o oceano, onde este combate relata a vitória do homem<sup>15</sup>.

As terras reclamadas através da drenagem e da construção de diques na Holanda, uma nação inteira, nas palavras de Reclus (1886), em conflito com a natureza, se deu em duas

---

<sup>14</sup> “la terre fait l’homme et que l’homme refait la terre incessamment” (Reclus, 2002:104)

<sup>15</sup> “L’histoire agricole des Pays-Bas est le récit d’un combat sans trêve entre l’homme et l’océan, et dans ce combt c’est l’homme qui a reporté la victoire.” (Reclus, 2002:43)

etapas, com características muito particulares, definindo muito bem dois padrões de ideias em relação à natureza.

A primeira etapa das terras reclamadas do mar se deu através da construção de diques, canais e drenagens que seguiam os cursos dos pequenos corpos d'água. As primeiras técnicas usadas na 'construção' de novas terras eram ainda muito primitivas, muito próximas da natureza, e como consequência as terras produzidas a partir destas técnicas mostravam linhas meandantes e pitorescas, que muito a aproximavam de terras 'naturais' não eram tão destoantes do ao seu entorno.

Já as segundas etapas na conquista ou no reclamo de terras estão vinculadas a processos de drenagem e técnicas para a construção de diques mais avançadas. Estas terras, produzidas de acordo com um novo padrão, mais avançado tecnicamente, introduziram um novo aspecto à paisagem - uma regularidade matemática, uma natureza geometrizada, com intervalos regulares entre canais paralelos e ângulos retos.

Para Reclus (1886), a estupefata regularidade destas novas terras não é perturbada, salvo por massas de prédios em grandes cidades, os parques que a cercam e as estradas e ferrovias cortando os canais em oblíquas direções como se emergissem das cidades<sup>16</sup>.

A passagem sobre os obstáculos naturais, usando a palavras de Reclus (1886), se dá a partir do conhecimento do mal, permitindo-se assim descobrir o remédio<sup>17</sup>. Além disto, a ideias trocadas por povos de todos os climas tornam-se patrimônio comum para todos, e a inteligência criativa dos trabalhadores tem sido permitida a se desenvolver e aumentar<sup>18</sup>.

Além das ideias, produtos e pessoas começam também a se movimentar entre os lugares, levando a um aumento da conexão entre países e os modos de comunicação ficam mais eficientes e passam a ser mais usados. E para Reclus (1886), os telégrafos elétricos representam uma liberdade física para o homem; sua liberdade é posta livre de obstáculos impostos pelo tempo e espaço e, torna-se, como isto, pessoalmente presente em todos os pontos do espaço os quais conduzem cabos e os trazem em conexão com seus

---

<sup>16</sup> “The astonishing regularity of the landscape is undisturbed, save by the masses of buildings in the large towns, the parks which surround them, and the roads and railways crossing the canals in an oblique direction as they emerge from the cities.” (Reclus, 1886:457)

<sup>17</sup> “The knowledge of the evil has led to the discovery of the remedy.” (Reclus, 1886:460)

<sup>18</sup> “Ideas become a patrimony common to all, and the creative intelligence of workers has been enabled to develop and increase.” (Reclus, 1886:468)

pensamentos<sup>19</sup>. Em adição, a inauguração do cabo telegráfico transatlântico, ligando a Europa à América do Norte, significou uma grande conquista do homem sobre a natureza.

Para Reclus (1886), a ação do homem é tão poderosa no empreendimento da drenagem de pântanos e lagos, na derrubada dos obstáculos entre diferentes países e na modificação da primitiva distribuição dos animais e das espécies vegetais, que estes fatos adquiriram uma importância decisiva nas mudanças pelas quais a superfície externa do globo tem passado.

Esta ação do homem pode embelezar a terra, mas ela também pode desconfigurá-la, de acordo com os costumes e as condições sociais de qualquer nação, ela contribui tanto para a degradação ou para a glorificação da natureza. Homem molda dentro de sua própria imagem o país ao qual ele pertence<sup>20</sup>.

### A APROPRIAÇÃO CAPITALISTA DA NATUREZA

Devemos lembrar que a necessidade estética na melhora da natureza tratada por Reclus, se insere num momento de acelerada expansão do capitalismo e da propriedade privada em grande escala.

A natureza, imbuída e valorada pelo seu conteúdo estético irá ser altamente incorporada à vida econômica da sociedade. Reclus (1886) coloca duas formas de apropriação da natureza, uma direta e outra indireta. A apropriação da natureza, cada vez mais artificial, se dá, como exemplo, nas costas marinhas, nos mais pitorescos penhascos e nas mais charmosas praias, em muitas localidades, monopolizadas tanto pelos invejosos proprietários como pelos especuladores que apreciam a beleza da natureza da mesma forma como um 'cambista' valora uma barra de ouro. Em badalados lugares nas montanhas uma similar forma de apropriação toma posse dos habitantes: a paisagem é totalmente cortada em quadrados e vendidas em altas ofertas; cada curiosidade natural, a rocha, a caverna, a cachoeira, o glacial, enfim tudo que faça o som de um eco, pode tornar-se propriedade privada<sup>21</sup>.

---

<sup>19</sup> “His liberty is set free from the obstacles imposed by time and space, and he becomes, as it were, personally present at all the points of space which the conducting wire brings into relation with his thoughts.” (Reclus, 1886:476)

<sup>20</sup> “The action of man is so powerful an agency in draining marshes and lakes, in smoothing down the obstacles between different countries, and modifying the primitive distribution of animal and vegetable species, that these very facts become of decisive importance in the changes which the outward surface of the globe is undergoing. This action of man may embellish the earth, but it may also disfigure it; according to the customs and social condition of any nation, it contributes either to the degradation or glorification of nature. Man moulds into his own image the country which he inhabits...” (Reclus, 1886:490)

<sup>21</sup> “On the sea-coast, our most picturesque cliffs and our most charming shores are, in many localities, monopolized either by jealous proprietors or by speculators who appreciate the beauty of nature in much

Já forma de apropriação indireta da natureza, se dá na forma de sua utilização para a venda de produtos. Segundo Reclus (1886), prédios horrorosos, moinhos, oficinas, hotéis e depósitos, tomam lugar na base dos penhascos; propagandas, especulando a beleza de Niágara [Cataratas], para vender sua mercadoria ou seus remédios, tem postado suas sujas e mentirosas placas na frente da barulhenta catarata; outras pessoas, ainda mais desagradáveis na sua ingenuidade, tenta adicionar alguns aspectos poéticos ao cenário, erguendo quiosques chineses e torres góticas<sup>22</sup>.

A apropriação da natureza, uma apropriação da apreciação estética da natureza, consistindo numa salva guarda das suas belezas como forma de agregação de valor a uma propriedade privada, separa-a definitivamente dos olhares humanos, através de cercas e muros, ou impondo uma única forma de apreciação através da compra de um ingresso.

Sobre esta associação entre especulação imobiliária e a natureza, escreve Reclus (2002), que a especulação se apropria de todos os locais charmosos e belos, os quais ela divide em lotes retangulares, enclausuram os mesmos em muralhas uniformes onde são construídas mansões e casarões pretensiosos. Para os que passeiam pelos caminhos e trilhas, nestes pretensos espaços de campos, a natureza não é mais do que representada por arbustos talhados e amontoados de flores que são entrevistas através das grades<sup>23</sup>.

Sobre este domínio de uma forma de pensar, ou melhor, de uma forma de comando da vida social que o capitalismo exerce sobre a humanidade implica na constituição de um novo sentimento pela natureza, baseada na sua exploração visando o conforto individual e não uma emancipação coletiva, uma utopia, mas representa também a vitória do individualismo e da propriedade privada. Para Reclus (1985:75), “um fato capital domina toda a civilização moderna: o fato de que a propriedade de um único indivíduo pode aumentar indefinitivamente, e até mesmo, em virtude do consentimento quase universal, abarcar o mundo inteiro. O poder dos reis e dos imperadores é limitado, o da riqueza não o é. O dólar é o senhor dos senhores (...) O modelo essencial do civilizado europeu, ou melhor, do americano do norte, é de se preparar para o lucro, tencionando comandar os outros

---

the same way as a money-changer values an ingot of gold. In much-frequented mountains districts a similar rage for appropriation takes possession of the inhabitants: the landscapes are cut up into squares and sold to the highest bidders; every natural curiosity, the rock, the cave, the waterfall, the glacier, everything, down even to the sound of an echo, may become a private property.” (Reclus, 1886:492)

<sup>22</sup> “Hideous buildings, mills, workshops, hotels, and warehouses, have taken root on the cliffs; advertisers, speculating on the beauty of Niagara for the sale of their merchandise or of their drugs, have posted up their dirty and lying placards in front of the roaring cataract; other persons, still more disagreeable in their ingenuity, have vainly attempted to add some poetical features to the scenery by erecting Chinese kiosks and Gothic turrets”. (Reclus, 1886:493)

<sup>23</sup> “la nature n'est représentée que par les arbustes taillés et les massifs de fleurs qu'on entrevoit à travers les grilles.” (Reclus, 2002:65)

homens através do dinheiro todo-poderoso. Seu poder aumenta na proporção exata do seu haver”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No prefácio de sua obra *Man and Nature*, de 1874, George Marsh nos mostra que uma perspectiva geográfica de entendimento das relações entre Homem e Natureza está fundada na indicação das características e extensão das mudanças produzidas pela ação humana nas condições físicas do globo e para ilustrar a doutrina na qual o homem é, em tipo e grau, um poder de ordem maior do que qualquer uma das outras formas de vida animada, as quais, como ele, são nutridas na mesa da farta natureza<sup>24</sup>.

O século XIX, destacado nas ideias presentes neste artigo, marca um período de profundas transformações das concepções a respeito da natureza, além da permanência dos modelos quantitativos, observa-se uma restauração de uma ideia mítica da natureza, um reencantamento da natureza, não com um viés ‘sobrenatural’, mas sim seguindo um projeto específico de valorização financeira. Instaura-se um projeto de reificação, incorporação e produção da natureza do ponto de vista mercadológico. A natureza, material e simbolicamente, incorpora-se à esfera de um mundo capitalista, de uma racionalidade instrumental e da criação de um conjunto de necessidades que parecerem ser naturais ao homem, mas que se constituem apenas em mais possibilidades de consumo. Nesse mundo capitalista, que emerge com extrema força, inserir-se-á uma natureza como o conjunto de atributos passíveis de serem capitalizados e comercializados.

A busca por uma história das ideias e conceitos de natureza, principalmente nas contribuições da Geografia, construindo-se em um alicerce teórico-conceitual, possibilita, sempre e continuamente, o resgate do processo de transformação, incorporação e produção da natureza pelo homem, desmistificando ideologias presentes e permitindo o constante entendimento das bases que sustentam as relações sociedade-natureza. Essas leituras também nos colocam que a visão da natureza e sua conceituação é um processo histórico, onde cada época constrói seu sistema teórico-conceitual de explicação e a sociedade daquele momento capta, representa, significa e usa a natureza de modos diferentes. A leitura de Élisée Reclus sempre nos coloca nesse caminho, do constante aprendizado sobre a história do pensamento geográfico e sobre como construímos nossas relações com a natureza.

---

<sup>24</sup> “Indicate the character and, approximately the extent of the changes produced by human action in the physical conditions of the globe we inhabit and incidentally, to illustrate the doctrine that man is, in both kind and degree, a power of a higher order than any of other forms of animated life, which, like him, are nourished at the table of bounteous nature”. (Marsh, 1874: prefácio)

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correia de (Org.). **Éliseé Reclus**. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- CALVINO, Ítalo. **Marcovaldo ou as Estações na cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- HENRIQUE, Wendel. **O Direito e a Natureza na cidade**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- MARSH, George Perkins. **Man and Nature: or Physical Geography as a modified by Human action**. New York: Charles Scriber, 1874.
- RECLUS, Éliseé. **A new Physical Geography: the Ocena, Atmosphere and Life**. New Yor: D. Appleton & Company, 1886. v. 2.
- RECLUS, Éliseé. **Du sentimento de la nature dans le sociétés modernes et autres textes**. Paris: Édition Premières Pierres, 2002.
- RECLUS, Éliseé. **L'Homme et la Terre**. 2 ed. Paris: Albin Michel, 1930. 3 v.
- RECLUS, Éliseé. **La Terre: description des phénomènes de la vie du globe – I – Les continents**. Paris: Hachete, 1874.

Recebido em: 20/12/2013

Aceito em: 23/02/2014